

Cadernos de estágio

Inclusão educacional e respeito às diversidades: carta aberta aos professores do município de Natal/RN

Micaele Honório¹

Como citar este texto

HONÓRIO, M. Inclusão educacional e respeito às diversidades: carta aberta aos professores do município de Natal/RN. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 2, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n2ID35243](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n2ID35243).

Informação

1 Aluna da UFRN
honoriomicaele@gmail.com

Natal, 03 de janeiro de 2024

Prezados/as professores/as

Início esta carta me apresentando: me chamo [meu nome] , estou no oitavo período do curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sou estagiária no município de Natal desde o quinto período. No entanto, a produção dessa carta deu-se não só pela experiência que tive durante os meses em sala de aula, mas também pelo estágio na área de gestão e coordenação pedagógica, levando em consideração a importância da possibilidade do contato com os diferentes locais de atuação do profissional docente para a minha formação.

Lima e Pimenta (2006) destacam que a prática educativa dentro das instituições é um elemento cultural comum, intimamente ligado ao que ocorre em outros contextos sociais e institucionais. Dentro dos estágios, é essencial que nós, professores em formação, adquiramos uma compreensão profunda dessa complexidade das práticas institucionais e das ações realizadas pelos profissionais, como forma de se

prepararem para a sua atuação no campo profissional. O estágio, então, representa uma atividade voltada ao conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas desenvolvidas.

Nesse sentido, qual seria a importância da figura do professor no processo formativo dos estagiários? Mais do que apenas orientar, ele atua como um modelo de prática pedagógica, oferecendo ao estagiário a oportunidade de observar e refletir sobre diferentes estratégias de ensino, gestão de sala de aula e interação com os alunos. Ao compartilhar suas experiências, desafios e métodos, o professor proporciona ao estagiário um espaço seguro para experimentar, errar, corrigir e aprender.

Durante o período de estágio na gestão, tive a oportunidade de observar e analisar com um olhar totalmente diferente do que via durante a vivência em sala; a tentativa de inclusão de todas as crianças no processo educacional no ambiente em que cumpria o estágio, levando em consideração não só questões relacionadas a necessidades educacionais, mas suas diferenças culturais. Portanto, na perspectiva da escola como local multicultural, Perez Gómez (1994, apud Candau, 2013, p.15) nos relata que a escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, que se distingue de outros espaços de socialização pela mediação reflexiva.

6 Dessa forma, é importante ressaltar que a formação contínua e colaborativa entre professores e estagiários não beneficia apenas os futuros docentes, mas também os professores experientes. Essa troca de conhecimentos e experiências cria um ambiente de aprendizado mútuo, onde novas ideias e abordagens pedagógicas podem ser discutidas e implementadas. A colaboração entre diferentes gerações de educadores fortalece a prática pedagógica e permite que a escola se adapte melhor às necessidades de uma sociedade em constante transformação. Além disso, essa interação promove um ambiente escolar mais inclusivo e sensível às diversidades, onde cada estudante é visto e valorizado em sua singularidade.

Apesar de nos documentos que regem a educação muito se fale em educação para todos, e, em tese, as pessoas com algum tipo de necessidade especial estão também acobertadas perante a lei, como no artigo 208, inciso III, da Constituição Federal, que afirma que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A inclusão educacional é uma luta constante para oferecer oportunidades igualitárias a todos os estudantes, independente de suas particularidades. Ela também abrange a inclusão de alunos por motivos socioeconômicos, étnicos e emocionais, levando em consideração que não apenas questões ligadas à deficiência física e intelectual podem causar dificuldades

no desempenho escolar e nas relações interpessoais.

Nesse contexto, a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva exige um comprometimento coletivo, onde cada membro da comunidade escolar, desde os gestores até os professores e estagiários, assume a responsabilidade de criar um ambiente acolhedor e respeitoso para todos os alunos. A inclusão não deve ser vista apenas como a integração de estudantes com necessidades especiais, mas como a valorização de todas as formas de diversidade, sejam elas culturais, étnicas, de gênero ou de habilidades. Cada aluno traz consigo uma história única, e é papel dos educadores reconhecer e celebrar essas diferenças, promovendo uma educação que respeite e valorize a individualidade de cada um.

Segundo (Matiskei, 2004, p. 17), “o processo de inclusão educacional exige planejamento e mudanças sistêmicas político-administrativas na gestão educacional, que envolvem desde a alocação de recursos governamentais até a flexibilização curricular que ocorre em sala de aula”. No entanto, para que essa inclusão ocorra de forma significativa, muitos desafios são enfrentados pelos profissionais da educação, tais como: o próprio desenvolvimento profissional desses educadores, tendo em vista o seu papel principal dentro desse processo e o pouco preparo durante sua formação para lidar com as necessidades diversificadas dos seus alunos, a falta de suporte e recursos adequados e questões relacionadas à inflexibilidade de algumas escolas com relação ao currículo.

7

Durante o período em que estive em campo, pude analisar as diferentes práticas docentes e suas formas de lidar com a diversidade existente em cada sala de aula, como a prática da afetividade entre crianças tidas como típicas e uma estudante com TEA, ou o diálogo entre professora e alunos para a estruturação de um projeto de pesquisa da turma relacionado às profissões dos pais. Essa observação me levou a refletir sobre o papel assumido pela escola em meio ao aglomerado de singularidades ali existentes e a importância da criação de uma rede de apoio entre gestão, coordenação pedagógica e corpo docente, com finalidade de que sejam traçadas múltiplas estratégias para que durante a construção de conhecimento de cada aluno o seu processo de ensino seja baseado em suas necessidades, assim como em suas diferenças. Mas, como podemos traçar esse plano de ensino para o trabalho das diversidades e qual é a importância desse movimento para o desenvolvimento dos estudantes?

O Ministério da Educação estabelece que as aprendizagens significativas estão diretamente ligadas às experiências reais vivenciadas pelos alunos, tanto dentro quanto fora da escola, e que se conectam com sua história pessoal. Além disso, os conhecimentos que atendem aos interesses e às necessidades reais de cada criança

também são considerados significativos. Isso implica que a cultura de origem de cada aluno é fundamental para que os conteúdos curriculares possam gerar novos significados. A aprendizagem torna-se verdadeiramente significativa quando é adaptada ao processo de desenvolvimento individual de cada criança. Dessa forma, o percurso escolar pode levar a novas e duradouras aprendizagens (M.E, 2004, p.23 apud Silva, 2014, p. 41).

A partir disso, devemos levar em consideração que, ao longo da vida, todos nós adquirimos continuamente novos conhecimentos e que precisamos respeitar e valorizar o que cada discente já sabe sobre determinados conteúdos. Dessa forma, o ensino fará mais sentido, e, durante o processo de construção de conhecimento, os alunos poderão aprender uns com os outros, transformando a sala de aula em um ambiente de escuta, de desconstrução de padrões e de respeito ao outro.

Contudo, sabemos que a inclusão não é uma tarefa fácil: ela exige do professor, da gestão e coordenação algo que vai além da teoria. Requer também paciência, sensibilidade e respeito. Gostaria de lembrá-los, porém, que cada passo dado rumo a um futuro mais igualitário é mérito de cada profissional da educação, que são verdadeiros agentes de transformação. Por meio desta carta, tento sensibilizar e agradecer a cada um que abraça essa causa tão importante, tendo em vista que o trabalho docente é crucial para uma sociedade mais justa e inclusiva.

8

Sei que o caminho é desafiador, mas acreditem em sua capacidade de promover mudanças positivas na vida de cada aluno.

Respeitosamente,
Micaele Honório

Referências bibliográficas:

CANDAU, V. M. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**: diferentes concepções. Poíesis Pedagógica, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MATISKEI, Angelina Carmela Romão Mattar. **Políticas públicas de inclusão educacional**: desafios e perspectivas. Educar em Revista, [S.L.], n. 23, p. 185-202, jun. 2004. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.338>.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Inclusão/exclusão escolar e afetividade**: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. Educ. Rev., Curitiba, n. 44, p. 217-233, jun. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014-&lng=pt&nrm-iso>. acessos em 19 jul. 2023.